

Alegoria Distópica da Contemporaneidade e Biopolítica em *The Childhood of Jesus* (2013), de J.M. Coetzee

Cidalia Barbosa

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA - CETAPS

Citation: Cidalia Barbosa. “Alegoria Distópica da Contemporaneidade e Biopolítica em *The Childhood of Jesus* (2013), de J.M. Coetzee.” *Via Panoramica: Revista de Estudos Anglo-Americanos*, série 3, vol. 10, n.º 1, 2021, pp. 109-120. ISSN: 1646-4728. Web: <http://ojs.letras.up.pt/>.

Abstract

The first novel *The Childhood of Jesus* (2013) from the last trilogy published by JM Coetzee, followed by *The Schooldays of Jesus* (2016) and *The Death of Jesus* (2019), inaugurates a dystopian and purposefully organized “New World” by creating an atmosphere of control from government institutions in this country. As a result, the narrative suggests a democracy that functions in a regulated manner and which relates in a similar way to contemporary times. The purpose of this article is to analyze how dystopia and biopolitics are present in the novel and how, based on these concepts, an allegory is made in relation to contemporaneity. It follows closely the definitions of “dystopia” and “ustopia” through Jacoby (2000) and Atwood (2011) and of “biopolitics” through Foucault (1979).

Keywords: Dystopia; Biopolitics; Contemporaneity; Coetzee

Resumo

O primeiro romance *The Childhood of Jesus* (2013) da última trilogia publicada por J. M. Coetzee, seguido por *The Schooldays of Jesus* (2016) e *The Death of Jesus* (2019), inaugura um “Novo Mundo” distópico e propositadamente organizado ao criar uma atmosfera de controlo a partir das instituições governamentais deste país. Em virtude disso, a narrativa sugere uma democracia que funciona de maneira regulada e a qual se relaciona de forma análoga à contemporaneidade. O objetivo deste artigo é analisar de que forma a distopia e a biopolítica estão presentes no romance e como, a partir destes conceitos, é feita uma alegoria em relação à contemporaneidade. Segue-se de perto as definições de “distopia” e também “ustopia” através de Jacoby (2000) e Atwood (2011) e de “biopolítica” através de Foucault (1979).

Palavras-chave: Distopia; Biopolítica; Contemporaneidade; Coetzee

Introdução

A narrativa de *The Childhood of Jesus* (2013), o livro que inaugura a última trilogia publicado por Coetzee, inicia-se com a chegada de Simón e David à Novilla, vindos de navio e oriundos de um campo de refugiados. Assim que desembarcam no novo país, são imediatamente encaminhados ao Centro de Reabilitação onde recebem os seus novos nomes, idade aproximada e um local para viver e trabalhar. Neste país fala-se em espanhol, língua que lhes é também imposta, assim como os costumes e o modo de viver. Trata-se de uma vida simples, sem muitos acontecimentos e com falta de emoções, mas imbuído de um ambiente em que toda a população possui grande boa vontade. Há sobretudo a salientar o facto de todas as pessoas que chegam a este país estarem isentos de memórias e qualquer outra relação com o passado. Simón assume como missão encontrar a mãe de David. Apesar de o rapaz não ter qualquer memória, acredita que a sua mãe possa ser uma mulher chamada Inés e esta, por sua vez, acaba por aceitar desempenhar esse papel. A narrativa intensifica-se a partir do momento em que David vai para a escola, mas não se encaixa no formato de ensino tradicional. À medida em que o tempo passa, o menino aprende a ler e escrever sozinho, desenvolvendo uma forma própria para o fazer. Todavia, devido à atmosfera de controlo e de vigilância exercida pelo governo de Novilla, David é atribuído a uma escola *especial*, mas recusa-se a ir. Para tentar contornar esta situação, no final do romance, Simón e Inés planeiam fugir com a criança para a cidade de Estrella.

A narrativa não avança, assim como a vida das personagens e o contexto morno que as envolve. A harmonia suspeita que caracteriza o país está sustentada pelo facto das personagens chegarem a este espaço sem memória e portanto, sem identidade. Apenas Simón e mais tarde David provocam alguns questionamentos devido ao desconforto que sentem em relação ao modo como Novilla funciona e devido às sombras do passado que ainda perduram de forma vaga nas suas memórias. A referência a Jesus estabelecida no título não se concretiza durante a narrativa, uma vez que não existe nenhuma personagem com o nome Jesus, mas sim a criança David que tem comportamentos semelhantes ao mesmo, como querer ressuscitar animais, salvar pessoas, destacando-se dos outros pelo seu comportamento.

O romance é predominantemente construído por falas e pouca intervenção do narrador, que por sua vez funciona como um mediador das intervenções e dos diálogos de carácter filosófico que compõem a narrativa. Esta estrutura sugere ao leitor uma atmosfera teatral a qual está relacionada a postura "ensaiada" das personagens. Numa recessão crítica do livro publicada no *The Guardian*, Benjamin Markovits afirma que:

The setting is like a theatre stage. Because it's not a real place, the only parts of it we can imagine are the ones he mentions. Little details have to stand in for much larger arrangements. But the bareness of the stage suits Coetzee's prose and gives just enough unreality to his characters to permit them to engage in inscrutably simple philosophical arguments. (n.p.)

Esta “nudez” mencionada por Markovits refere-se ao facto do enredo não proporcionar ao leitor respostas aos enigmas que a narrativa provoca, bem como a simplicidade que configura esta realidade e a aproxima de uma distopia. A dimensão distópica da obra desdobra-se na tentativa de uma sociedade utópica que falha e se articula sobretudo a partir do controlo social e das emoções, estilo de vida primitivo, exploração laboral e artificialidade nas relações interpessoais. O género distópico procura, de um modo global, discutir e problematizar questões sociais que ameaçam a liberdade e a democracia política. A utopia faz-se presente como um simulacro a fim de mascarar o controlo exercido através da distopia. Logo, utopia e distopia assumem um lugar comum na mesma construção de um espaço, muito embora sejam conceitos distintos. Margaret Atwood, no estudo *In Other Worlds: SF and The Human Imagination* (2011), nomeia esta ocupação comum entre utopia e distopia na mesma dinâmica espacial, dando-se assim origem ao termo “ustopia”: “Utopia is a word I made up by combining utopia and dystopia - the imagined perfect society and its opposite - because, in my view, each contains a latent version of the other” (65). A autora considera, portanto, que as utopias e distopias conquanto sejam diferentes, pertencem ao mesmo universo. Em virtude disso, a “ustopia” surge da interação destes dois géneros literários num mesmo romance.

O controle estabelecido neste romance e no contexto distópico evoca o conceito de “biopolítica” de Foucault, termo que foi citado pelo autor pela primeira vez em 1976 nas obras *Em Defesa da Sociedade* e no primeiro volume de *A História da Sexualidade*, mas que vai desenvolver-se por completo em *Segurança, Território e População* (1978) e por fim em *Nascimento da Biopolítica* (1979) em que Foucault define o conceito como:

Biopolítica: eu entendia por isso a maneira como se procurou, desde o século XVIII, racionalizar os problemas postos à prática governamental pelos fenômenos próprios de um conjunto de viventes constituídos em população: saúde, higiene, natalidade, longevidade, raças (431)

Ou seja, o controlo do indivíduo através do corpo é exercido a partir do que Foucault chama de “fenômenos próprios” que constituem a sociedade, a fim de assegurar o

domínio das práticas governamentais, independentemente do contexto democrático, já que esta democracia é exercida de forma simulada.

Alguns temas em *The Childhood of Jesus* que sugerem o romance como uma obra distópica e biopolítica irão nortear a análise deste trabalho, sendo eles a hospitalidade artificial a partir dos órgãos governamentais de Novilla, o estilo de vida primitivo que alimenta a apatia social e uma certa “acomodação” das personagens àquela realidade. A discussão entre memória e esquecimento torna-se fundamental na análise da obra assim como a exploração laboral e controlo das atividades que os indivíduos exercem na cidade, como ir ao Instituto (uma espécie de faculdade) estudar filosofia, e ter um espaço apenas para o alívio sexual, situação que impulsiona a falta de relação e sentimento naquela sociedade. O autoritarismo subvertido em boa vontade, senso de dever e organização reflete-se sobretudo nas instituições que compõem a cidade de Novilla e o modo de viver da sociedade: o centro de reabilitação, os blocos em que os refugiados vão morar, as oportunidades de trabalho, a instituição de cursos, as relações interpessoais e até a comida e o vestuário. Todos eles são, por sua vez, instrumentos de controlo utilizados pelo governo e caracterizam um contexto distópico. Face ao exposto, poder-se-á dizer que Novilla é uma ilha neocolonial? As instituições deste “novo mundo” são programadas para o controlo social através da fixação dos indivíduos. A apatia social, falsa benevolência e estilo de vida primitivo caracterizam esta sociedade como um cenário distópico espelhando a contemporaneidade.

The Childhood of Jesus: uma alegoria do controlo social

A narrativa de *The Childhood of Jesus*, construída a partir de uma alegoria contemporânea acerca dos limites e regras impostos à vida social, problematiza também a alienação da sociedade sobretudo em relação à democracia vivida em forma de simulacro. O plano de fundo distópico opera como um instrumento crítico deste governo que exerce o seu poder através do controlo dos indivíduos de modo tão subtil que quase não é percebido, mas que denuncia também a falha deste sistema governamental. O que refere Hilário sobre a “distopia” - “o gênero literário conhecido como distopia nos fornece elementos para pensar criticamente a contemporaneidade, sobretudo com relação à segunda metade do século XX e início do século XXI” (202) - também pode ser dito do romance de Coetzee, já que o texto dá ao leitor ferramentas para questionar a contemporaneidade, através das duas personagens centrais: primeiramente, Simón, e, do meio para o fim da narrativa, David.

A desconstrução ou até o desmascarar do contexto político no geral simboliza na realidade uma proposta de reconstrução destes conceitos através da narrativa coetzeeana. O que se chama de real e cotidiano é colocado em questionamento na busca de uma transcendência daquela maneira primitiva de viver. Simón é a personagem que começa por problematizar o dia a dia de Novilla:

‘Do you know what surprises me most about this country?’ A reckless tone is creeping into his voice; it would be wiser to stop, but he does not. ‘That it is so bloodless. Everyone I meet is so decent, so kindly, so well intentioned. No one swears or gets angry. No one gets drunk. No one even raises his voice. You live on a diet of bread and water and bean paste and you claim to be filled. How can that be, humanly speaking? Are you lying, even to yourselves?’ (Coetzee 45)

No excerto supracitado transparece o comportamento anémico dos sujeitos, transvestido de placidez e boa vontade. A própria dieta alimentar, predominantemente composta por pão, água e legumes (com a exceção de quem come ratos), reflete uma escassez de recursos que, por sua vez, se relaciona intimamente com a falta de emoção e os excessos típicos da humanidade. A alimentação, por sua vez, é um ato simbólico que revela as práticas culturais de um povo. No caso de Novilla que aparentemente demonstra ser um espaço utópico onde tudo funciona em prol da sobrevivência mas que na verdade é um lugar de controlo, remete-se para o conceito de “Distopia Crítica”, definido por Lyman Tower Sargent como:

A non-existent company described in detail and usually located in the time and space that the author wanted to show to a readership contemporary as worse than contemporary society, but that generally includes at least one eutopic enclave or presents the hope that dystopia can be overcome and replaced by a eutopia. (222)

De acordo com essa definição de Sargent, o papel que David representa na narrativa sugere a esperança de se superar a dimensão distópica apresentada por Novilla, sobretudo após os questionamentos que faz baseado na leitura de Dom Quixote e na forma fantasiosa de se manifestar no mundo, excluindo o ensino convencional e propondo uma aprendizagem crítica da leitura e não apenas de reproduzir o que foi lido.

A apatia e a falsa benevolência que se encontra em Novilla é denunciada por Simón também num diálogo com Elena (momento que denota uma tentativa de romance). Segundo Simón, a apatia e a falsidade são especialmente visíveis no sentido de dever exercido pelas autoridades que não faz mais do que mascarar o controlo do

estado em relação aos refugiados que chegam ao país e imediatamente assumem um lugar de vulnerabilidade ao lhes ser imposto uma nova língua, identidade e cultura, sem nenhum direito ao passado:

‘Benevolence, I must tell you, is what we keep encountering here. Everyone wishes us well, everyone is ready to be kind to us. We are positively borne along on a cloud of goodwill. But it all remains a bit abstract. Can good will by itself satisfy our needs? Is it not in our nature to crave something more tangible?’ Deliberately Elena extracts her hand from his. ‘You may want more than goodwill; but is what you want better than goodwill? That is what you should be asking yourself. (Coetzee 74)

Simón incomoda-se ao facto de ninguém naquele país sentir necessidade de “algo mais” do que aquilo que lhes é oferecido. A função que a boa vontade e a benevolência assumem é sobretudo de controlo, pois se a população tem as suas necessidades básicas minimamente atendidas não há necessidade de protestos e desarmonia social. Em contrapartida, e assim como refere Jacoby, as distopias, “buscam o assombro, ao acentuar tendências contemporâneas que ameaçam a liberdade” (40). Por conseguinte, todo o clima de simulacro de uma harmonia social controlada através da biopolítica configura-se numa chamada de atenção do autor à tendências também semelhantes a estas na contemporaneidade que funcionam como ameaças à liberdade social e à democracia.

Deleuze em conformidade com o conceito de biopolítica de Foucault evidencia os espaços sociais que funcionam como órgãos de controle dos indivíduos:

O indivíduo não cessa de passar de um espaço fechado a outro, cada um com suas leis: primeiro a família, depois a escola (“você não está mais na sua família”), depois a caserna (“você não está mais na escola”), depois a fábrica, de vez em quando o hospital, eventualmente a prisão, que é o meio de confinamento por excelência”. (Deleuze 219)

Estes espaços - família, escola, caserna, fábrica e prisão - são operadores de controlo e normatização do indivíduo. Em *The Childhood of Jesus* tanto a família como a escola e o trabalho são instituições sociais que serão questionadas e subvertidas. Simón, Inés e David formam uma família sem laços afetivos entre quem seria o pai e a mãe; e David questiona o sistema de ensino tradicional ao criar uma forma própria de lidar com a leitura e a escrita, sendo por causa disso forçado pelo governo a ser levado para uma “escola especial”, sob pena de serem indiciados e levados a julgamento. Tal só não acontece porque a família foge de Novilla no final do romance.

Em relação ao trabalho, Simón é estivador nas docas e passa o dia a carregar sacos de trigo para fazer pão e alimentar a população. Ele não aceita o facto de não usarem um guindaste para este serviço e a forma como é justificada esta exploração laboral indigna-o profundamente:

‘You could,’ agrees the foreman. ‘But what would be the point? What would be the point of getting things done in a tenth of the time? It is not as if there is an emergency, a food short age, for example. ‘What would be the point? It sounds like a genuine question, not a slap in the face. ‘So that we could devote our energies to some better task,’ he suggests. ‘Better than what? Better than supplying our fellow man with bread?’ He shrugs. He should have kept his mouth shut. He is certainly not going to say: Better than lugging heavy loads like beasts of burden. (Coetzee 25)

Esta exploração não é somente justificada de forma manipuladora com vestígios nacionalistas mas também reflete uma característica biopolítica pois através do cansaço físico o sujeito não tem tempo nem disposição para desenvolver o conhecimento e, por conseguinte, o questionamento da sua situação. Também num outro diálogo Simón questiona a falta de propósito daquele trabalho, o primitivismo que permeia e a forma como Álvaro - o seu chefe - o justifica baseado na ideia de que deveria sentir-se bem por servir as pessoas e providenciar com o pão a comida que sustenta a vida em Novilla:

‘It’s food. We can’t do without food. And it’s not just for Novilla. It’s for the hinterland too. That’s what it means to be a port: you have a hinterland to serve.’ ‘Still, what is it all for, in the end? The ships bring the grain from across the seas and we haul it off the ships and someone else mills it and bakes it, and eventually it gets eat en and turned into—what shall I call it?—waste, and the waste flows back into the sea. What is there to feel good about in that? How does it fit into a larger picture? I don’t see any larger picture, any loftier design. It’s just consumption.’ (Coetzee 57)

Simón não atribui este significado de dever social ao seu trabalho e considera que tudo se resume ao consumo. É um trabalho repetitivo e de exaustão física. No decorrer da obra, ele precisa de ir ao médico que afirma estar tudo bem com Simón, sugerindo, todavia, uma ida ao psicólogo. Os serviços de psicologia em Novilla funcionam também como um espaço de controlo para verificar se indivíduos estão em risco de causar uma desordem social, não se verificando uma preocupação efetiva com a saúde psicológica dos sujeitos.

O comportamento problematizador da personagem Simón dialoga com a caracterização que Jacoby faz da narrativa distópica ao referi-la como “antiautoritária, insubmissa e radicalmente crítica” (141). No entanto, não deixam de ser utópicas no sentido que ao questionar o presente, ao analisá-lo de forma crítica e ao refletir acerca da realidade, possui em si a visão de uma sociedade futura melhor do que a que se apresenta até então. Esta crítica frequente a Novilla marca todo o enredo do romance e é definida de acordo com o que Lowy vai chamar de “pessimismo ativo” (24), detendo o propósito de impedir a alienação e o controlo social. Assim, o género distópico vai então ser concebido como um “aviso de incêndio” (Hilário 202), um alerta social sobre um futuro próximo.

A ideia de tempo na obra é fragmentada devido a todas as personagens terem o seu passado apagado, e com isto, “livres” de memória. Neste contexto, apenas Simón e David assumem lembrar apenas de algumas sombras, as quais viabilizam o desconforto que sentem em relação à forma como aquela sociedade funciona. Assim, o tempo em Novilla é composto por um passado desconhecido e um futuro incerto:

None of us has a past. We start a new here. We start with a blank slate, a virgin slate. And Inés is not a stranger. I recognized her as soon as I set eyes on her, which means I must have some kind of prior know ledge. 'You arrive here with no memories, with a blank slate, yet you claim to recognize faces from the past. It makes no sense. 'It is true: I have no memories. But images still persist, shades of images. How that is I can't explain. Something deeper persists too, which I call the memory of having a memory. It is not from the past that I recognize Inés but from else where. It is as if the image of her were embedded in me. (Coetzee 123)

O que vai existir, portanto, é um indivíduo dividido entre uma vida anterior misteriosa e uma futura indeterminada, mas que é controlada e determinada pela vigilância político dos órgãos governamentais que operam naquele país e que neste caso, se utilizam da vulnerabilidade que representa ser um sujeito sem memória. A partir daí torna-se também um sujeito sem identidade, sem cultura, sem língua e apenas com uma falsa noção de escolha através da sobrevivência.

De acordo com Vieira, o tempo na narrativa distópica trabalha com a noção de eucronia, a qual é definida como: “mais do que a ideia superficial de que o futuro-enquanto-presente seja sombrio, há a ideia latente de que a realização utópica só pode realizar-se completamente no futuro-enquanto-futuro e, portanto, o não-lugar ideal não existe no presente da narrativa” (9). Por conseguinte, este não-lugar ideal que não existe no momento presente da narrativa define o sentimento de Simón

durante todo o romance. E é necessário este desconforto para a realização utópica, que, nos próximos romances, é representada pelas ações de David.

A ação inicial feita pelo governo de Novilla assim que os migrantes chegam ao país, é de, além de nomeá-los, estabelecer idades e a língua que é falada - neste caso, o espanhol. Isto sugere uma alegoria ao colonialismo espanhol na América Latina. O passo seguinte é fixar estes sujeitos em espaços de habitação e de trabalho. Esta fixação representa não uma exclusão, de maneira que todos os que chegam passam pelo mesmo processo, mas sim um exercício de controlo. Foucault ao pensar o conceito de biopolítica reflete também acerca de como este opera na sociedade:

Na época atual, todas essas instituições - fábrica, escola, hospital psiquiátrico, hospital, prisão - têm por finalidade não excluir, mas ao contrário, fixar os indivíduos. A fábrica não exclui os indivíduos, liga-os a um aparelho de produção. A escola não exclui os indivíduos; ela os fixa a um aparelho de transmissão de saber. O hospital psiquiátrico não exclui os indivíduos; liga-os a um aparelho de correção, a um aparelho de normalização dos indivíduos. O mesmo acontece com a casa de correção ou com a prisão. Mesmo se os efeitos dessas instituições são a exclusão do indivíduo, elas têm como finalidade primeira fixar os indivíduos em um aparelho de normalização dos homens. (114)

Foucault elenca algumas instituições sociais que fazem parte da vida dos sujeitos (fábrica, escola, hospital) e operam como instrumentos de controlo ao fixá-los e normalizá-los, seja como uma correção, produtividade ou transmissão de saber.

As personagens do romance são fixadas no trabalho, na habitação (que se organiza separada por blocos - orientais e ocidentais - e algumas casas mais luxuosas, facto que se apresenta como metáfora para a desigualdade social e divisão dos sujeitos), e sobretudo na educação. Tanto o Instituto que funciona como uma espécie de universidade, quanto a escola, evidenciam um sistema de ensino tradicional e não reflexivo. Em virtude disso, David é “convidado” a ir para uma escola “especial” devido à sua insubordinação na escola, insubordinação esta definida pelos questionamentos de David e pela recusa de ler e escrever de uma forma standardizada por oposição à forma autodidata como aprendeu a fazê-lo:

‘We come now,’ she says, laying down her pen, ‘to the practical problem of David’s comportment in the classroom. His insubordination. His failure to make progress. The consequences of that lack of progress, and that insubordination, for señor León and the other children in the class.’ (Coetzee 250)

Este acontecimento no final do romance desencadeia um dos primeiros atos de combate a este sistema acarretado por David. Pois a partir daí, Simón, Inés e a criança fogem para Estrella, pois o governo de Novilla afinal não estava a sugerir a mudança de David para outra escola. Estava a impor, já que antes da fuga foram denunciados e convidados a aparecerem em um julgamento.

Considerações finais

A obra de Coetzee situa-se claramente no âmbito do género distópico que representa não um futuro tecnológico ou pós-apocalíptico, mas sim um cenário primitivo, baseado em sucessivas referências ao Antigo Testamento a fim de chamar a atenção do leitor para a forma como o controlo biopolítico é exercido tanto no contexto mais primitivo representado na obra quanto na contemporaneidade tecnologicamente evoluída. Ou seja, independentemente das circunstâncias, a finalidade é sempre o controlo do indivíduo, tal como refere Lowy:

Toda sua obra pode ser compreendida como uma espécie de “aviso de incêndio” dirigido a seus contemporâneos, um sino que repica e busca chamar a atenção sobre os perigos iminentes que os ameaçam, sobre as novas catástrofes que se perfilam no horizonte. (32)

Coetzee denuncia igualmente os limites das regulações que a política e a burocracia impõem à sociedade, regulações essas que, sendo sistematicamente repetidas e enraizadas no inconsciente coletivo, passam a ser naturalizadas, transformando-se em modos de agir e formas de viver. A presença dos diálogos filosóficos que Simón evoca (e provoca) são exercícios críticos que abalam as convicções mais básicas de Novilla como a boa vontade, o sentido do dever, a compaixão, o propósito do trabalho, a vivência (ou a ausência) de emoções, entre outros temas que são suscitados durante a narrativa. Todo este debate é sustentado pela ideia de uma nova vida “oferecida” aos indivíduos oriundos de um campo de refugiados. Não obstante para viver esta nova realidade é preciso abdicar do passado, das memórias, da identidade, da cultura, da língua materna e até de uma determinada ideia do “eu”. Assim, estes migrantes submetem-se a uma vida “morna”, sem grandes emoções e acontecimentos, mas com a sobrevivência assegurada. É esta perspectiva redutora do que significa uma vida plena que Simón questiona constantemente: “‘A new life is a new life,’ says Elena, ‘not an old life all over again in new surroundings. Look at Fidel -’ ‘But what is the good of a new life,’ he interrupts her, ‘if we are not transformed by it, transfigured, as I

certainly am not?” (Coetzee 175). Na medida em que esta “nova vida” não os provoca nem os leva a transformarem-se em seres críticos e problematizadores, exatamente aquilo o sistema não quer, não pode ser considerada uma vida de facto.

Deste modo, *The Childhood of Jesus* problematiza e oferece-se como alegoria da situação contemporânea dos migrantes ao chegarem a um novo país, vindos de campos de refugiados, tal como Simón, David e as restantes personagens que povoam Novilla - com exceção do governo - compondo a realidade deste novo país. A narrativa coetzeeana espelha também outros “avisos de incêndios” que ameaçam a liberdade, sobretudo no âmbito político. Como bem explica Foucault, “o indivíduo é o produto do poder” (106), ou seja, o controlo social alimenta o poder político. Logo, Novilla pode ser considerada uma espécie de ilha neocolonial que usa o estado de vulnerabilidade dos refugiados e possui um sistema de governo controlador que simula uma falsa democracia para que os indivíduos não se revoltam. As instituições que compõem este país são utilizadas sobretudo para a fixação destes indivíduos e a padronização comportamental através do controlo do corpo no trabalho e da alienação do conhecimento na escola. Todo este contexto é visualizado através do plano de fundo distópico que, por sua vez, reflete a apatia social da contemporaneidade.

Obras Citadas

- Atwood, Margaret. *In Other Worlds: SF and The Human Imagination*. Virago Press, 2011.
- Coetzee, J. M. *The Childhood of Jesus*. Vintage, 2013.
- Deleuze, Gilles. *Conversações*. Editora 34, 1992.
- Foucault, Michel. *A Ordem do Discurso*. Edições Loyola, 1996.
- . *Nascimento da Biopolítica*. Edições 70, 2010.
- . *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. Vozes, 2009.
- Jacoby, Russell. *O Fim da Utopia*. Record, 2000.
- Hilário, Leomir. *Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade*. *Anuário de Literatura*, v.18, n.2, 2013, pp. 201-15.
- Lowy, M. *Aviso de incêndio: Uma Leitura das Teses “Sobre o conceito de História”*. Boitempo, 2005.
- Markovits, Benjamin. “The Childhood of Jesus by JM Coetzee - review.” *The Guardian*, 15 May 2020, <https://www.theguardian.com/books/2013/mar/02/childhood-of-jesus-jm-coetzee-review>. Accessed 4 June 2021.

Sargent, Lyman Tower. "US Eutopias in the 1980s and 1990s: Self-Fashioning in a World of Multiple Identities." *Utopianism/Literary Utopias and National Cultural Identities: A Comparative Perspective*, edited by Paola Spinnozi, COTEPRA/University of Bologna, 2001, pp. 221-32.

Vieira, Fátima. "The Concept of Utopia." *The Cambridge Companion to Utopian Literature*, edited by Gregory Clayes, Cambridge University Press, 2010, pp. 3-27.